

Resenhas

convulsões espanholas: invenções na revolução | eliane knorr*

Margareth Rago e Clara Pivato Biajoli (orgs.). *Mujeres Libres: Documentos da Revolução Espanhola*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2008, 158 pp.

“(...) devemos concordar com a afirmação de que nossa guerra é social, portanto, Revolução” (p. 60-61). É assim que Lucía Sanchez Saornil — feminista, anarquista, poeta e um dos mais fortes nomes da organização *Mujeres Libres* — explica brevemente o momento vivido na Espanha entre os anos de 1936 e 1939. Não apenas uma guerra civil, como qualificam aqueles que pensam a História de uma perspectiva homogeneizante e totalizadora, mas uma Revolução!

Uma Revolução não está limitada à uma mudança puramente econômica ou política. Não se altera o funcionamento de grandes estruturas sem alterar primeiramente as relações pessoais e cotidianas. É por isso que estas corajosas anarquistas já alertavam, na primeira metade do século XX, na Espanha, que atuar revolucionariamente significava lutar contra a autoridade e o despotismo na vida de cada um.

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP e pesquisadora no Nu-Sol.

verve, 14: 270-274, 2008

270

“Dissemos outro dia que a Revolução deveria começar em nós mesmos, e se não o fizermos, perderemos a Revolução social, nem mais, nem menos; nossa mentalidade burguesa não terá senão revestido de roupas novas os velhos conceitos, conservando-os em toda a sua integridade” (p. 108), acrescenta Lucía em um texto publicado em 1937. A luta das mulheres na Espanha, neste sentido, é tão vital quanto a luta de trabalhadores ou camponeses, e além disso, não está separada destas outras lutas, está também em seu interior. O combate das mulheres era, portanto, parte de um processo revolucionário que não se voltava às conquistas de direitos, mas que procurava convulsionar a vida de homens e mulheres.

Às vésperas da explosão da guerra na Espanha, a organização *Mujeres Libres* emergiu do encontro de três fortes e corajosas militantes — a jornalista Lucía Sanchez Saornil, a advogada Mercedes Comaposada e a médica Amparo Poch y Gascón — que transbordaram na luta dentro do próprio movimento anarquista. Diante de outras organizações que propunham inverter a ordem de dominação entre homens e mulheres, ou ainda, “encerrar as mulheres nas mesmas jaulas em que, por séculos, vinham enquadrados os homens” (p. 32), estas *Mujeres Libres* se diferenciavam por querer romper com os modelos pré-estabelecidos, contra qualquer forma de dominação e pela valorização de cada um em suas particularidades, homens ou mulheres.

Margareth Rago e Maria Clara Pivato Biajoli, a partir de uma cuidadosa pesquisa de documentos e memórias, reuniram no livro *Mujeres Libres da Espanha: Documentos da Revolução Espanhola*, textos publicados na revista *Mujeres Libres*, ou em outros periódicos anarquistas, fragmentos de cartas, depoimentos, fotos e imagens que mostram um lado da Revolução Espanhola, regularmente ignorado pela História. Depois da apresentação por estas duas mulheres, historiadoras, anarquistas, mas únicas em suas abordagens, os do-

cumentos que compõe o livro foram distribuídos em alguns temas: o grupo; anarquismo/política/guerra; feminismo e moral sexual; outros; depoimentos.

A editora autogestionária Achiamé, responsável pela publicação do livro, expressa na capa, nas folhas e na impressão das imagens — a maioria em papel couchê — um cuidado interessado, de quem compreende a importância de uma publicação anarquista como meio de anarquizar o mundo.

O livro abre com a letra de um hino de *Mujeres Libres*, escrito por Lucía Sanchez Saornil, como um convite às mulheres guerreiras para inventar sua própria vida e a História. Livro-corpo: da capa, da orelha, das mulheres que o habitam. Livro-luta: contra a História do Homem, severa, inquestionável, detentora da verdade. Livro que coloca as memórias de mulheres, suas delicadezas, questionamentos e força. Não tem a pretensão de ser uma outra História contra os Homens, mas contra os valores que justificam a dominação do homem sobre a mulher, que são os mesmos que justificam qualquer modo de dominação.

Os depoimentos que se concentram na parte final do livro, mostram as reflexões de algumas mulheres — Antonia Fontanilla, Sara Berenger e Lola Benavent —, todas jovens no momento da Revolução, que trazem em suas memórias experimentações e críticas da época, mas ainda atuais e fortes. Mulheres que devem ser ouvidas e lidas, cujos posicionamentos e reflexões hoje continuam diferenciais.

Mais do que colocar a Revolução Espanhola sob a perspectiva de algumas mulheres na Espanha, Margareth e Maria Clara expõem, por meio da seleção de documentos, que o movimento anarquista não cabe em um território. A partir dos textos de Emma Goldman em relação ao movimento das mulheres na Espanha, e de uma nota na revista *Mujeres Libres* em repúdio ao aprisionamento de Maria Lacerda de Moura em Mi-

nas Gerais, deixam claro que para os anarquistas a briga contra a autoridade centralizada e pela liberdade é internacional. Mesmo que não seja dito, este cuidado mostra que, para um anarquista, a liberdade de um se expande — e não se limita — com a liberdade do outro, derruba-se fronteiras e fortalecem-se lutas, mesmo entre homens e mulheres.

É por isso também que as *Mujeres Libres* não eram contra os homens. Ainda que alguns temessem que uma organização de mulheres pudesse enfraquecer o movimento, estas sabiam que o seu fortalecimento era vital para uma Revolução anarquista. Da forma como colocavam, “(...) isto é mais do que feminismo. Feminismo e masculinismo são dois termos de mesma proporção; há alguns anos, um periodista francês, Leopoldo Lacour, cunhou a expressão exata: humanismo integral” (p. 42). Mesmo que a escolha do termo *humanismo* traga em si alguns problemas relacionados ao Universal, ele é utilizado aqui de forma a combater as segmentarizações advindas destas categorias de classificação. Estes são homens ou mulheres por acaso, mas são anarquistas por querer.

É naquilo que consegue anarquizar, que estes documentos mostram sua atualidade. Por vezes estas mulheres caem em contradição quando se apóiam em alguns valores de sua época. Por exemplo, enquanto combatem firmemente as verdades científicas construídas sobre as mulheres em um determinado momento, e em outro, acabam sustentando seus argumentos nestas mesmas verdades. Mas ao mesmo tempo, alertavam para questões, como o amor livre, que ainda hoje estão muito distantes — e parecem distanciar-se cada vez mais — dos valores predominantes. Assinalavam para a questão do sexo, como parte da mudança revolucionária, mas não a tratavam em sua teoria e cientificidade, como acontece atualmente. Para algumas delas, “as teorizações na ordem sexual nos parecem, até o presente, tão desnecessárias quanto estéreis” (p. 81).

Sob o crescente conservadorismo destes novos tempos, as críticas destas mulheres se tornam ainda mais atuais. Em 1936, no editorial do 2º número da revista *Mujeres Libres*, alertava-se para o perigo da busca da conservação da democracia como abertura para o fascismo: “(...) vemos como na Alemanha, na Itália e em outros países, para conter o avanço dos povos que a rebaixavam, [a democracia] jogou-se nos braços da reação. (...) Ela abriu as portas do mundo aos ‘descamisados’, mas quando os ‘descamisados’ adquiriram consciência e pretenderam estabelecer-se no mundo, fecha as portas imediatamente, estrepitosamente, e entrega as chaves ao fascismo, se não se converte em fascismo ela mesma, da noite para o dia” (p. 54). Naquele momento, em meio à Revolução, Franco tomou o poder, e a Espanha viveu décadas sob um regime despótico. Hoje, o conservadorismo travestido em democracia toma conta mesmo de alguns discursos revolucionários, é por isso que o alerta destas anarquistas continua urgente.

mergulho e liberdades | natalia montebello*

Carlos Fuentes. *Em 68: Paris, Praga e México*. Tradução de Ebréia de Castro Alves. Rio de Janeiro, Rocco, 2008, 159 pp.

68, agora, também inventa resistências às apologias. Hoje, a loucura saudável e generosa de jovens subtende à memória pacificadora e adulta, não na lembrança, mas na reinvenção corajosa do ano-constelação. Ano

* Pesquisadora do Nu-Sol, doutoranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC/SP e Secretária do Centro de Cultura Social de São Paulo.